

Segurança no Concelho de Lisboa: Resultados de um estudo de opinião

Paula do Espírito Santo, Universidade Técnica de Lisboa

e-mail: espsanto@iscsp.utl.pt

(artigo publicado revista *Polícia*, Janeiro/Fevereiro de 2001)

DA NECESSIDADE PERMANENTE DE INVESTIGAÇÃO

Compreender e analisar as causas da violência; identificar a sensibilidade e motivos dos cidadãos face ao sentimento de insegurança; diagnosticar as causas dos problemas de desintegração social das segundas gerações de africanos em Portugal, são alguns dos muitos problemas que deveriam ser urgentemente investigados.

Sendo um instrumento corrente em qualquer área de decisão que implique avultados investimentos, a investigação social é um garante básico da tomada de decisão em matérias sensíveis como as das criminalidade ou da segurança. A título de exemplo referira-se que por exemplo, nos Estados Unidos, identificam-se com detalhe as patologias psico-sociais associadas à prevenção rodoviária. **Chega-se à conclusão, por exemplo, que 5% dos indivíduos que têm (e provocam) acidentes rodoviários são sempre os mesmos. Curiosamente, neste âmbito, em Portugal, a primeira causa dos traumatismos cranianos é constituída pelos acidentes de motorizada.**

Quanto à segurança rodoviária não é demais reflectir sobre o futuro da circulação rodoviária em Portugal, especialmente, em meios urbanos. Basta pensarmos que se em 1974 havia cerca de 800 mil automóveis a circular em território nacional, hoje há cerca de quatro milhões e meio. É também preocupante pensar que cerca de 30% dos atropelamentos dão-se na passadeira para peões. Refira-se que estes dados constam de uma Tese de Doutoramento sobre Prevenção Rodoviária, defendida por A. Matos, na Universidade de Lisboa, em 1992. Estes dados são preciosos para a tomada de decisão nesta matéria mas, provavelmente, continuam desconhecidos para a maioria dos decisores.

Um estudo da associação ambientalista Quercus feito na auto-estrada do Norte (A1) , realizado no âmbito de um protocolo com a Direcção- Geral dos Transportes Terrestres, refere que 78% dos veículos ligeiros excede a velocidade máxima de 120Km por hora. Não estando directamente relacionada com esse estudo refira-se que a medida do Governo de instalar terminais de multibanco nas viaturas da GNR e obrigar os infractores a pagar as multas no local, sistema que estará a funcionar em muitas viaturas até ao final de 2001, foi uma medida funcional. O tempo de espera na execução da multa e a ineficácia do sistema actual contribuíram para a implementação acertada dessa medida.

No dia 29 de Janeiro de 2001, um estudante, Ricardo Duarte, foi assassinado junto ao Instituto Superior Técnico. A tomada de decisão, a curto prazo, para prevenir futuros incidentes na área (?) levou a que fosse feito um reforço do contingente policial de 10% nas imediações. Outra medida foi a de integração no patrulhamento de funcionários policiais com funções administrativas. A demarcação territorial por parte da estratégia policial é, de facto, importante. No entanto, não resolve a médio prazo os problemas estruturais de criminalidade e insegurança. **É fundamental a antecipação de motivações e necessidades com o auxílio de estudos de diagnóstico social, cultural, económico, que aprofundem os problemas e não os observem apenas a nível das manifestações mais evidentes, públicas, imediatas.** É preciso reavaliar permanentemente o impacto da desintegração social. Por exemplo, não é aspecto menor saber que na Europa, por ano, entra cerca de meio milhão de imigrantes ilegais, segundo dados da Europol. Face a estes dados mais do que agir é fundamental que primeiro se reflecta com base em suportes fidedignos sobre as melhores estratégias de integração concertada de esforços de todas as forças vivas e actantes na sociedade, recorrendo aos investigadores e analistas dos problemas sociais.

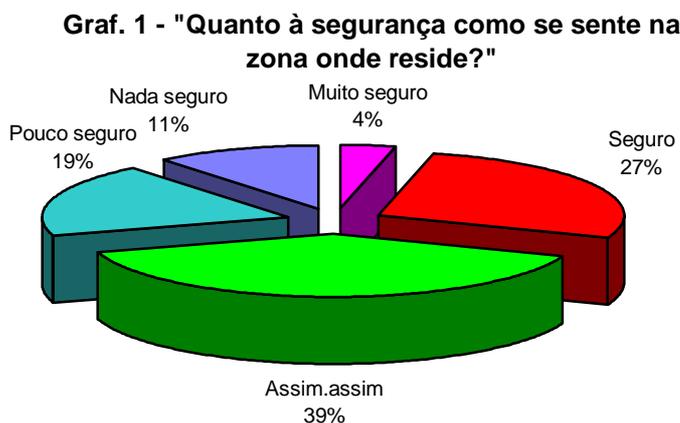
ANÁLISE DE RESULTADOS

O objecto de estudo desta sondagem é composto pelas as atitudes (ou defesas de determinadas posições) e comportamentos (ou acções), dos recenseados do Concelho de Lisboa, relativamente a alguns temas ligados à segurança.

Os temas abordados neste inquérito são: o sentimento de segurança no âmbito da zona residencial do inquirido (dentro do concelho de Lisboa) e no concelho de Lisboa, em geral; os motivos do sentimento de insegurança; as situações em que os indivíduos alvo do estudo se sentem menos seguros se estiverem sozinhos; as medidas imediatas de acção do inquirido face a um assalto na rua; a tomada de medidas de protecção pessoal e dos bens; opinião sobre o trabalho da PSP; conhecimento sobre a existência de formação na PSP. As variáveis hipoteticamente independentes (ou explicativas) que considerámos foram o sexo, a idade, as habilitações literárias e a ocupação mas nem sempre foram analisadas por não se revelarem explicativas.

1. O SENTIMENTO DE INSEGURANÇA

A selecção do grau do sentimento de insegurança na zona de residência pelos recenseados do concelho de Lisboa indicou que a maior parte dos indivíduos posiciona-se no grau intermédio da escala: “assim-assim” (cerca de 39%). A quantidade dos que se sentem seguros é significativa (27%) mas também o é a dos que se sentem “pouco seguros” (cerca de 19%). Cerca de 11% sentem-se “nada seguros” e apenas cerca de 4% sentem-se muito seguros.



Se atentarmos para as diferenças entre sexos verifica-se que a par da homogeneidade entre as cinco categorias de respostas nota-se, nos extremos da escala, entre os que dizem sentir-se muito seguros e os que dizem sentir-se nada seguros uma maior proporção de homens (cerca de 70% para os homens versus 30% para as mulheres e cerca de 55% para os homens versus cerca de 45% para as mulheres), a identificar-se com essas categorias de resposta. A resposta dada pelos que afirmaram sentir-se muito

seguros, deve ser lida com o necessário cuidado aliado ao erro de amostragem e ao nível de confiança da amostra. Uma possível interpretação para a predominância de homens naquele caso, pode ser devida a motivos mais pontuais de natureza idiossincrática e não tanto devido a uma tendência significativa entre o grupo-alvo da sondagem.

A idade revela-se uma variável explicativa das diferenças entre respostas. Em relação ao grupo dos que se sentem muito seguros, os dados indicam que o grupo predominante a dar essa resposta é dos mais jovens (18 a 27 anos, cerca de 60% se considerarmos o conjunto dos grupos etários). Do grupo mais velho, com mais de 58 anos nenhum indivíduo assinalou esta resposta. No grupo que respondeu assim, há uma dispersão de respostas. **Verifica-se que o grupo onde o sentimento de insegurança é maior é o dos que têm mais de 58 anos.** Enquanto que no grupo dos 18 - 27 anos cerca de 27% sente-se pouco seguro, no dos 58 e mais anos são cerca de 39%. A mesma tendência é acentuada nos que respondem sentir-se nada seguros, com cerca de 17% e 52%, respectivamente.

2. MOTIVOS DO SENTIMENTO DE INSEGURANÇA

Quanto aos motivos porque os recenseados do concelho de Lisboa se sentem pouco ou nada seguros existe a seguinte ordem de prevalência, com as seguintes opções mais referidas: “porque vê poucos ou não vê polícias na rua (cerca de 27%)”, “porque ouviu falar de casos de assalto nesta zona”, “porque já foi assaltado nesta zona” (cerca de 18%). As opções menos escolhidas são “porque hoje os tempos são mais violentos” (cerca de 14%) e “por causa do que dizem os meios de comunicação social” (cerca de 3%). Deve lembrar-se que esta pergunta era de resposta múltipla (o total não soma 100%) e que apenas responderam à mesma aqueles que na pergunta anterior referiram que se sentiam pouco ou nada seguros.

Gráf. 2 - Motivos porque se sente pouco ou nada seguro na zona onde reside

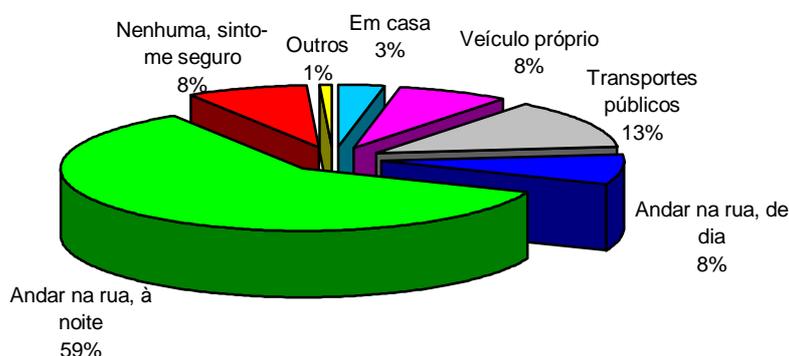


Se compararmos homens e mulheres no que diz respeito a esta variável não se verificam diferenças significativas na quase totalidade das categorias de resposta. No entanto, no caso da opção “porque ouviu falar de casos de assalto na zona”, há mais mulheres (60%) do que homens (40%) a mostrarem-se sensíveis. Se tomarmos em linha de conta este aspecto podemos pensar que em futuras estratégias de sensibilização é importante que o público feminino se mantenha informado sobre a acção da PSP e sobre estratégias de melhoria do bem-estar em matéria segurança, uma vez que a aprofundar estes factores poder-se-á encontrar soluções conjuntas e tranquilizar os cidadãos. Essas medidas poderão ser empreendidas através de reuniões com os cidadãos, com os encarregados de educação, com as mulheres que são mães, com as mulheres em geral.

Se considerarmos a variável idade verifica-se que os mais sensíveis a ouvirem casos de assalto na zona, são as pessoas com mais 58 anos (63%). Entre os mais jovens aquela opção de resposta é menos escolhida (42%). A variável idade não parece explicar de modo significativo as restantes opções referentes aos motivos da insegurança.

A pergunta “em que situação se sentiria menos seguro se estivesse sozinho” teve como resposta mais escolhida “andar na rua à noite” (cerca de 60%). Em segundo lugar, e bastante distante desta, vem a resposta “transportes públicos” (cerca de 13%). Os que se sentem, normalmente, seguros são cerca de 8% e os que tem receio dentro do veículo próprio são cerca de 8% também. Cerca de 3% das pessoas têm receio de estar sozinhas em casa.

Gráf. 3 - "No concelho de Lisboa, em qual das seguintes sit. se sentiria menos seguro, se estivesse sozinho?"

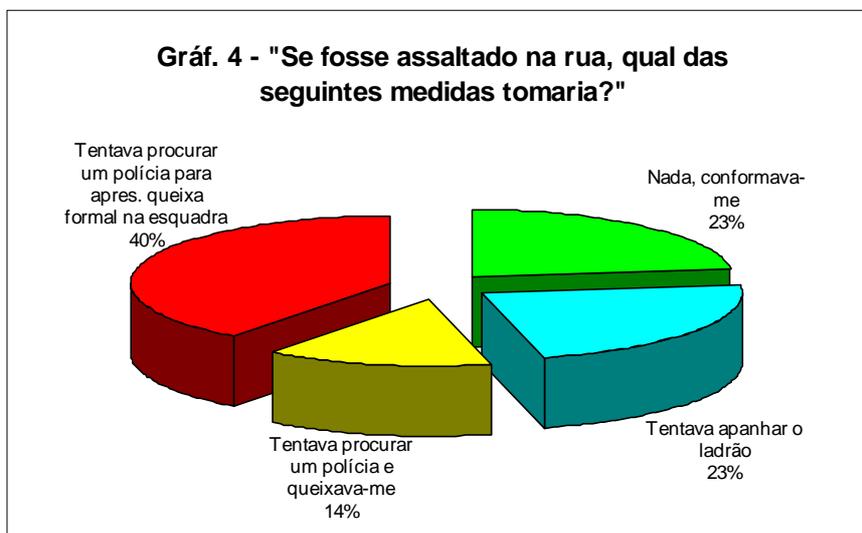


A variável sexo diferencia formas de estar neste caso. Assim, **dos que têm receio de andar sozinhos em veículo próprio cerca de 74% são mulheres (cerca de 26% são homens). A mesma diferenciação aparece entre os que têm receio de estar sozinhos em casa. Cerca de 73% são mulheres.** De entre os que se sentem, normalmente, seguros, cerca de 83% são homens. São também mais as mulheres (cerca de 61%) que se sentem menos seguras em andar de dia na rua. Nas restantes opções há um equilíbrio de respostas entre homens e mulheres. Curiosamente, em termos etários parece haver uma distribuição próxima de respostas ou diferenças pouco significativas entre os diversos escalões etários. O sentimento de insegurança, com os contornos da presente variável não deve ser explicado com base na idade.

3. MEDIDAS DE PROTECÇÃO PESSOAL E DOS BENS

Quanto às medidas tomadas em caso de assalto na rua, das quatro opções de resposta, a maioria das pessoas refere que “tentava encontrar um polícia próximo com vista a apresentar queixa formal na esquadra” (cerca de 40%). Os restantes assinalaram a resposta “não fazia nada, conformava-me” (23%) e, por outro lado, houve os que disseram “tentava apanhar o ladrão” (23%). Cerca de 14% “tentava procurar um polícia próximo e (simplesmente) queixava-se”. Esta distribuição de respostas pode indicar que ainda há confiança da parte dos cidadãos recenseados no concelho de Lisboa, na actuação da polícia face à necessidade de apoio urgente. Quanto à variável sexo, destaque-se que de entre os que referiram apanhar o ladrão cerca de 69% são

homens. Ainda cruzando com a idade estes últimos têm tendência a ser os mais jovens - 18 - 27 anos (cerca de 32%, face a cerca de 16% dos que têm mais de 58 anos).



Cerca de 74% dos indivíduos, recenseados no concelho de Lisboa, costumam tomar medidas de protecção pessoal e dos seus bens. Dos que não tomam medidas (cerca de 26%) cerca de 61% são mulheres. À medida que os indivíduos são mais velhos há maior tendência para tomar essas medidas. Enquanto que no grupo dos 18 - 27 anos cerca de 23% fazem-no, entre os que têm mais de 58 anos são cerca de 30% os que dizem tomar essas medidas.

Quanto às medidas de protecção pessoal e dos seus bens tomadas pelos recenseados do concelho de Lisboa, destaquem-se as seguintes: evitar certas zonas ou ruas (cerca de 26%); evitar usar objectos de valor (cerca de 23%); evitar sair à noite (16%); alarme no carro (cerca de 16%). As restantes opções não se constituíram como importantes para os inquiridos: distribuir o dinheiro por vários bolsos (cerca de 7%); alarme em casa (cerca de 6%); uso de arma de defesa pessoal (cerca de 3%); usar uma bolsa escondida com dinheiro (2%).

Se comparamos homens e mulheres no que diz respeito aos diversos *items* daquela variável, verifica-se o seguinte: quanto a evitar certas zonas ou ruas não há diferenças de comportamento entre homens e mulheres. Apesar de serem mais as mulheres, como seria de esperar, a evitar usar objectos de valor (cerca de 63%), os homens também o fazem (cerca de 37%). De entre os que dizem possuir alarme no carro há mais homens

(cerca de 64%) do que mulheres (cerca de 36%). São mais os homens que distribuem o dinheiro por diversas bolsas (cerca de 64%). O mesmo acontece em relação ao que dizem ter alarme em casa (cerca de 63% são homens). O uso de arma de defesa pessoal é maior entre os homens (cerca de 88%).

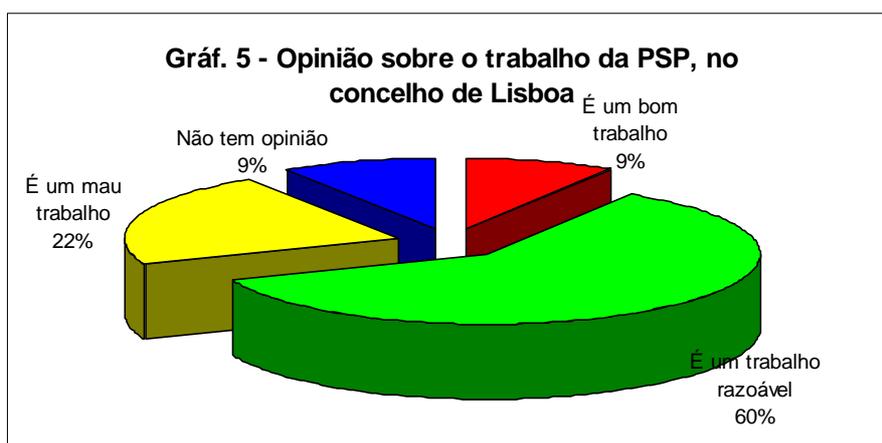
A variável idade cruzada com as medidas tomadas de defesa pessoal e dos bens vem confirmar que, tal como se pensa geralmente, são os mais velhos que evitam sair à noite (sobretudo com mais de 58 anos, cerca de 51%). No entanto, entre os mais jovens, verifica-se que há indivíduos que também o fazem por motivos de segurança (cerca de 6%). A diferença entre os mais jovens e os mais idosos quanto a evitar usar objectos de valor não é muito significativa: são cerca de 22% os que têm entre 18-27 anos. São cerca de 37% os que têm mais de 58 anos. O uso de arma de defesa pessoal é maior entre os mais novos (18- 27 anos, cerca de 35%) do que para os mais velhos (mais de 58 anos, cerca de 18%). As restantes opções não apresentam diferenças significativas se compararmos os escalões etários.

4. AS CONDIÇÕES DE SEGURANÇA HOJE FACE HÁ CINCO ANOS, NO CONCELHO DE LISBOA

Cerca de 61% dos indivíduos considera que as condições de segurança, hoje em dia no concelho de Lisboa, são piores do que há cinco anos atrás. Cerca de 28% acha que estão na mesma. Cerca de 8% acha que estão melhores. Cerca de 3% não tem opinião. A variável sexo não se revela explicativa de diferenças entre atitudes neste caso. De entre os que consideram que as condições estão melhores cerca de 59% são homens. Por outro lado, são os mais velhos que consideram que as condições de segurança estão piores (73% com mais de 58 anos, face a cerca de 44% no grupo dos 18 - 27 anos). Confirma-se mais uma vez que é importante que o sentimento de segurança seja mais reforçado entre as mulheres e também junto dos mais velhos, nomeadamente, através de campanhas informativas que visem desenvolver hábitos de segurança e que levem a uma maior confiança na instituição policial.

5. OPINIÃO SOBRE O TRABALHO DA PSP

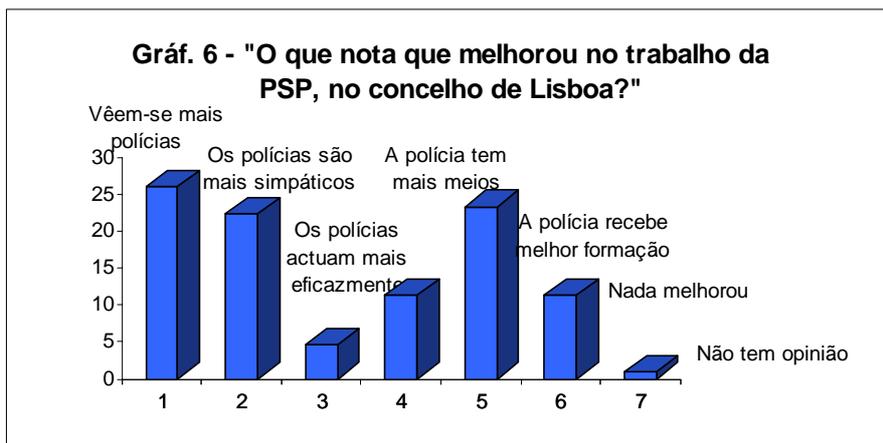
O trabalho da PSP é razoável. Essa é a opinião de 60% dos inquiridos. Cerca de 22% acha que é um mau trabalho e cerca de 9% acha que é um bom trabalho. Cerca de 9% não tem opinião.



Apesar das condições de segurança estarem, na opinião de grande parte dos inquiridos, pior do que há cinco anos atrás, há uma opinião positiva sobre o trabalho desempenhado pela PSP. Entre os que têm uma opinião negativa destacam-se os homens (cerca de 63%) face às mulheres (cerca de 37%). Os mais velhos, apesar da insegurança sentida também consideram que aquele é um “bom trabalho” (cerca de 42% no grupo com mais de 58 anos face a cerca de 17% no grupo dos 18-27 anos).

A. O QUE MELHOROU NO TRABALHO DA PSP

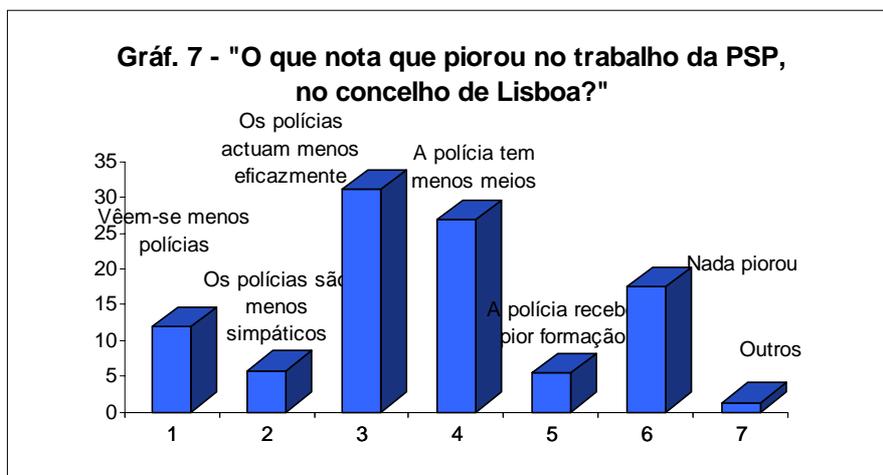
Os motivos principais por que se nota que melhorou o trabalho da PSP são os seguintes: 26% dos indivíduos considera que vêm-se mais polícias na rua; a polícia recebe melhor formação (cerca de 23%); os polícias são mais simpáticos e cordiais (cerca de 22%). Também escolhido mas menos importante é o motivo: a polícia tem mais meios (cerca de 11%). Respostas residuais mas a levar em conta são: “nada melhorou” para cerca de 11% e ainda “os polícias actuam mais eficazmente” para cerca de 5%.



Não há diferenças importantes a assinalar entre homens e mulheres. Os mais jovens são da opinião que a polícia tem mais meios (dos 18-27, cerca de 36%, enquanto que os que têm 58 e mais anos são 17%). Os mais jovens também consideram que se vêem mais polícias nas ruas (cerca de 36% para cerca de 24% do grupo mais velho). Os mais velhos consideram que a polícia actua mais eficazmente (cerca de 42% para cerca de 26%, nos mais jovens). Confirma-se que o grupo mais velho tem uma opinião favorável acerca da actuação da polícia no concelho de Lisboa.

B. O QUE PIOROU NO TRABALHO DA PSP

As opções que se salientam mais entre o que piorou no trabalho da PSP são: os polícias actuam menos eficazmente (cerca de 31%). Em segundo lugar aparece a opção a polícia tem menos meios (cerca de 26%). Cerca de 18% dos indivíduos considera que nada piorou na actuação da PSP.



Cerca de 7% considera que os polícias são menos simpáticos. Refira-se que dos que pensam assim cerca de 72% são homens e jovens (cerca de 67%, para cerca de 11% do grupo com mais de 58 anos). A aprofundar este motivo poderíamos avançar que a actuação da PSP pode revelar-se mais penalizante para os homens mais jovens em situações provavelmente relacionadas com a circulação automóvel. No entanto, esta hipótese carece de confirmação em estudo que venha a desenvolver-se posteriormente.

6. SOBRE A EXISTÊNCIA DE FORMAÇÃO NA PSP

Inquiriu-se sobre se havia conhecimento sobre a existência de formação de nível superior (equivalente a universitário) na PSP. Face a esta pergunta cerca de 53% respondeu afirmativamente. Não se verificaram diferenças significativas quer em termos de sexo quer de idade quanto a esta pergunta.

A pergunta seguinte pedia o nome da instituição de ensino superior. É importante referir que esta pergunta era de “resposta espontânea”, isto é, não se adiantava o nome de qualquer instituição, esperando simplesmente que o inquirido respondesse. Cerca de 55% dos inquiridos identificou a Escola Superior de Polícia. Cerca de 27% disse saber que existia mas desconhecia o nome. Cerca de 13% não se lembrou do nome. Cerca de 2% identificou o nome ISCPSI. Cerca de 3% referiu Academia de Polícia.

Cerca de 78% dos indivíduos afirmou que não conhecia o nome da Escola onde são formados os agentes da PSP. Esta pergunta também era de “resposta espontânea”. Apenas cerca de 6% identificou o nome Escola Prática de Polícia. Cerca de 17% disse saber o nome mas não se lembrar.

Estas indicações podem constituir um importante motivo para se pensar numa maior divulgação da existência de formação na PSP em níveis diferentes. As populações devem conhecer e aproximar-se dos locais de aprendizagem policial que afinal funcionam dentro e para a sociedade que os rodeia.

CONCLUSÃO

É urgente a percepção e a renovação permanente sobre os motivos que desencadeiam os sentimentos de insegurança. Este estudo pretende apresentar algumas percepções localizadas espacialmente no concelho de Lisboa mas que podem constituir um indicador para

outras localidades urbanas de características sócio-económicas idênticas. Como em qualquer investigação deve-se entender e delimitar o alcance dos resultados de uma forma integrada e extensiva. Isto é, há que pensar em soluções alternativas e complementares e também pensar que na multiplicidade de conjuntos de respostas que os estudos quantitativos fornecem há que não esquecer a diferença, o ocasional, o que não constitui regra mas que faz também parte do sistema.

Este estudo vai, certamente, confirmar algumas noções que a prática do dia-a-dia evidencia mas pode não assegurar. Poderá introduzir novas formas de contextualizar problemas antigos mas sempre prementes e quotidianamente sensíveis às populações. Pretendeu-se pensar em conjuntos de respostas e de soluções que, ainda que uma forma intuitiva ou esclarecida em alguns casos, são seguidas por segmentos populacionais. Este estudo pretendeu evidenciar também a presença da segurança como um produto a que poucos indivíduos são insensíveis. Como se pôde confirmar e, genericamente, a distância face ao desempenho da PSP podia ter um sentido de aceitação ou de rejeição mas em poucos casos se revelou indiferente. Esse deve ser um ponto de partida que deve mover vontades no sentido da aproximação aos cidadãos através da informação sobre a própria instituição, sobre a segurança, sobre a formação que é dada, sobre um maior envolvimento e uma ainda mais estreita colaboração entre a comunidade e a PSP.

FICHA TÉCNICA

Universo: 594 608 recenseados das 53 freguesias do concelho de Lisboa
(dados da actualização do recens. eleitoral de Set. 2000)

Amostra:

- Probabilística por estratos/classes de freguesias (de acordo com o DL 100/84 de 12 de Agosto)
- Não probabilística por quotas de sexo e idade
(de acordo com dados do recenseamento geral da população de 1991)
- Dimensão da amostra: 270 indivíduos
- Erro de amostragem: 5,8% para um nível de confiança de 95%

Técnica de recolha de dados no terreno: *random routing*

Período de recolha de dados: 16/17 de Dezembro de 2000